miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 3, número 2, maio-ago 2014

CHICO BUARQUE: BUDAPESTE, UM OLHAR SOBRE A QUESTÃO DO DUPLO

●

CHICO BUARQUE: BUDAPESTE, A LOOK AT THE ISSUE OF DOUBLE

Elisabeth PROBST
Isabela Baião MOL
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AS AUTORAS
RECEBIDO EM 03/05/2014 ● APROVADO EM 30/09/2014

Abstract

This article proposes an analysis of the main points that express duplicity in the romance *Budapeste* by Chico Buarque de Holanda. Addressed mainly in the light of Freud's and Julia Kristeva's propositions, are: the identity of the protagonist José Costa and his Hungarian alter ego, Zsoze Kosta; the question of the authorship of the books *O Ginógrafo* and *Budapeste*; the protagonist's relations with Vanda and Kriska, Pisti and Joaquinzinho (his son); between the Portuguese and Hungarian languages, among other alterities.

Resumo

Este artigo propõe uma análise dos principais pontos que exprimem a duplicidade no romance *Budapeste*, de Chico Buarque de Holanda. São abordadas, assim, à luz de proposições, sobretudo, de Freud e Julia Kristeva: a identidade do protagonista José Costa e seu alter ego húngaro, Zsoze Kósta; a questão da autoria dos livros *O Ginógrafo* e *Budapeste*; as relações que o protagonista mantém com Vanda e Kriska, Pisti e Joaquinzinho (seu filho); entre a língua portuguesa e o húngaro, entre outras alteridades.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Double. Ghost Writer. The Stranger. Labyrinth of Mirrors. Chico Buarque.
PALAVRAS-CHAVE: O Duplo. *Ghost Writer*. O Estranho. Labirinto de Espelhos. Chico Buarque.

Texto integral

Budapeste é um labirinto de espelhos que afinal se resolve, não na trama, mas nas palavras, como os poemas.
Caetano VELOSO

Na literatura, na arte, na mitologia ou na história, o simbolismo do duplo se faz presente. O *duplo* é um assunto recorrente na ficção e foi abordado por muitos autores, tal como ocorre no romance *Budapeste*, de Chico Buarque de Holanda (2003).

A origem do duplo remonta, na cosmogonia judaico-cristã, à origem do homem, conforme observa Santos (2011, p. 45):

> No Gênesis, o homem começa sendo um. Deus corta o homem em dois: reencontramos aí a ideia de que o homem é interpretado como possuidor de uma natureza dupla, masculina e feminina, homem e animal, espírito e carne, vida e morte.
>
> Mais tarde, nas figuras de Caim e Abel, emerge a questão da dualidade do mundo, do homem, apontando para a ideia do duplo, já que mesmo sem serem gêmeos, eram "os dois lados da mesma moeda".

O duplo pode se manifestar também na forma de espelhos, sombras, fantasmas, aparições, retratos, máscaras, gêmeos, sósias. E também pode aparecer como desdobramento do "eu", o que ocorre com o personagem José Costa, de

Budapeste. A esse respeito, destacamos as considerações de Wisnik (2013, não paginado):

> Tecnicamente, Budapeste é um romance do duplo, tema clássico na literatura ocidental desde que a identidade do sujeito tornou-se problema e enigma. A questão desfila nas narrativas do século XIX, através dos motivos da sombra, do sósia, da máscara, do espelho, e evolui para a indagação dessa esfinge impenetrável e desencantada que é a própria pessoa como persona e ninguém. Na criação literária, no entanto, o escritor é o duplo de si mesmo, por excelência e por definição, aquele que se inventa como outro e que escreve, por um outro, a própria obra.
>
> Literatura é uma alteração da identidade, uma questão de outridade.

Budapeste é um romance não linear, em que foi utilizada a técnica de *flashback*; logo, o passado e o presente, na estrutura narrativa, confundem-se. Também é importante ressaltar que a obra é narrada em primeira pessoa, assim, trata-se de um narrador-personagem cuja voz se desdobra, pois ora aparece a voz de José Costa, ora a de Zsose Kósta. Essa obra narra a história desse *ghost writer* chamado José Costa, que vive no Rio de Janeiro e escreve – em nome de outras pessoas – discursos, autobiografias, teses e artigos inteiros que, não raro, alcançam sucesso. Ele é sócio de Álvaro, seu amigo desde os tempos de faculdade, na Cunha e Costa Agência Cultural, empresa que prepara e vende textos, sob encomenda, para as pessoas. É casado com Vanda, com quem vive um conturbado relacionamento e tem um filho, Joaquinzinho. José Costa frequentemente viaja para congressos internacionais de escritores anônimos e, em uma dessas viagens, por causa de uma denúncia anônima de bomba, pernoita em Budapeste e se fascina pelo idioma húngaro. Tempos depois, já no Brasil, descobre que balbuciava palavras nesse idioma enquanto dormia. Assim, ele revive seu encanto pela língua magiar (húngara) e o desejo de voltar àquela cidade. Ao realizar tal desejo, se envolve amorosamente com a professora de húngaro, Kriska. A partir de então, sempre que se encontrava em situações conflitantes (em conflito consigo, pois é um personagem marcado por uma grande inquietude), fugia do problema, alternando a fuga entre Rio de Janeiro e Budapeste, Kriska e Vanda, o que também é uma expressão do duplo na narrativa.

No romance, o duplo ocupa vários espaços na narrativa, como por exemplo, a divisão do "eu". José Costa, ao escrever para outras pessoas, transforma-se em outro "eu", assumindo a identidade do cliente, como no caso de *O Ginógrafo*, autobiografia encomendada pelo personagem alemão Kaspar Krabbe, cujo processo de escrita pode ser observado no seguinte trecho: "[...] das vinte fitas cassete que o alemão deixara gravadas, ouvia vagamente sua voz, pousava os dedos no teclado, e eu (José Costa) era um homem louro e cor-de-rosa, sete anos atrás, quando zarpei de Hamburgo e adentrei na baía da Guanabara [...]" (HOLANDA, 2003, p. 29). Ao incorporar a identidade do cliente, José Costa torna-se um estranho a si mesmo, experimentando um processo de cisão egoica que pode

ser analisado à luz do famoso ensaio em que Freud (1969) investiga a etimologia da palavra alemã *heimlich*, verificando que tal vocábulo abriga acepções contraditórias, que remetem tanto a algo familiar, íntimo, da ordem do doméstico, embora, não obstante, carregue também a acepção de algo escondido, oculto e perigoso, que são características atribuídas ao seu antônimo *unheimlich*. Trata-se, portanto, de algo que é, ao mesmo tempo, familiar e estranho.

> Assim, temos personagens que devem ser considerados idênticos porque parecem semelhantes, iguais. Essa relação é acentuada por processos mentais que saltam de um para outro desses personagens – pelo que chamaríamos telepatia –, de modo que um possui conhecimento, sentimento e experiência em comum com o outro. Ou é marcada pelo fato de que o sujeito identifica-se com outra pessoa, de tal forma que fica em dúvida sobre quem é o sujeito, o seu eu (self), ou substitui o seu próprio eu (self) por um estranho. Em outras palavras, há uma duplicação, divisão e intercâmbio do eu (self). (FREUD, 1969, p. 252).

Apesar da escolha pela profissão de escritor anônimo e de ter admitido que estar em evidência o incomodava, José Costa demonstra certo apego à sua produção, o que é verificado por sua angústia e arrependimento ao entregar o livro *O Ginógrafo*, depois de pronto, ao alemão Kaspar Krabbe. Isso é exposto no trecho: "[...] Logo, logo ele teria novo autor, e abrir mão de um livro pronto e acabado era sempre doloroso, mesmo para um profissional calejado como eu" (HOLANDA, 2003, p. 40). Ou seja, apesar de achar que não se importava com o anonimato e de não receber o prestígio pelo sucesso de suas obras apócrifas, José Costa manifesta certo pesar e sente-se desconfortável ao entregar *O Ginógrafo* depois de pronto.

Outra manifestação do duplo é verificada quando José Costa passa a ser conhecido por Zsoze Kósta, momento que nasce um novo "eu", uma nova identidade a partir desse nome:

> [...] e Kriska me aguardava na soleira do número 17; sem os patins, ela era quase pequena e menos menina. Falou Zsose Kósta... Zsose Kósta... me olhando de alto a baixo, como se meu nome fosse um traje inadequado. Deixei que falasse Zsose Kósta até se habituar e não corrigi sua pronuncia, muito menos caçoei de Kriska, antes, dei-lhe razão e passei a me conhecer por Zsose Kósta [...]. (HOLANDA, 2003, p. 62).

José Costa é uma pessoa, no Brasil, e outra, em Budapeste, o que se revela desde os nomes José Costa e Zsose Kósta. No Brasil, ele mantém certa distância do filho Joaquinzinho; em Budapeste, Zsose Kósta é mais próximo de Pisti, filho de Kriska, com quem jogava futebol e conversava no idioma húngaro. Com Vanda era casado oficialmente e com Kriska mantinha um relacionamento sem formalidades. Em português, escrevia em prosa; em húngaro, em versos. Assim, notamos que,

quando está em Budapeste, José Costa encarna um *alter ego* que o habitava, pois como observa Kristeva (1994, p. 9): "Estranhamente, o estrangeiro habita em nós: ele é a face oculta da nossa identidade, o espaço que arruína a nossa morada (eu)".

Quando o protagonista pensa que já dominava o idioma, escreve versos e elabora um livro de poemas, intitulado *Tercetos Secretos*. Cede a assinatura para Kocsis Ferenc, um poeta que perdeu o seu prestígio, pois já não escrevia bem. Sobre a autoria do livro de poemas, vejamos o trecho: "Certa manhã o segui à distância pelos corredores até vê-lo entrando no banheiro. Mijávamos lado a lado, quando em silêncio lhe entreguei o caderno com o extenso poema, intitulado Tikos Háromsoros Versszakok, ou seja, Tercetos Secretos" (HOLANDA, 2003, p. 137).

Julia Kristeva identifica esta característica em que o estrangeiro comete audácias, ao sentir que está dominando outro idioma:

> Privado das rédeas da língua materna, o estrangeiro que aprende uma nova língua é capaz de cometer as mais imprevisíveis audácias: tanto no terreno do intelecto quanto do obsceno. Essa pessoa que, na língua materna mal ousava falar em público e expressava conceitos de um modo confuso, no outro idioma sente-se como interlocutor intrépido. (KRISTEVA, 1994, p. 38).

No Brasil, José Costa escrevia textos em prosa e não tinha jamais escrito poemas, mas em Budapeste se aproximou tanto da língua que chegou a escrevê-los, surpreendendo-se consigo, devido à desenvoltura em relação ao idioma. Porém, dominar o idioma estrangeiro é uma questão relativa, pois quando se pensa que se atingiu o total domínio de uma língua estrangeira, a ponto de ela ser quase uma segunda pele, isso pode ser um engano, uma ilusão, tal como observa Kristeva (1994, p. 22-23): "Você tem o sentimento de que a língua é a sua ressurreição: nova pele, novo sexo. Mas a ilusão se despedaça [...]".

Podemos associar a ideia do despedaçar, presente na citação de Julia Kristeva, à passagem do livro em que José Costa fica enfurecido com a crítica de Kriska. Sem saber quem era o verdadeiro autor de *Tercetos Secretos*, ela define a obra como exótica, diz que parece ter sido escrita por um estrangeiro:

> Pois bem Kósta, há quem aprecie o exótico, disse Kriska. Exótico? Como exótico? É que o poema não parece húngaro, Kósta. O que dizes? Parece que não é húngaro o poema, Kósta. Não me ofenderam tanto as palavras, quanto a cândida maneira com que Kriska as pronunciou. E disse mais: é como se fosse escrito com acento estrangeiro. (HOLANDA, 2003, p. 141).

Para contrapor a opinião de Kriska sobre os poemas de Kósta, vale lembrar que, no Brasil, Vanda havia adorado a obra *O Ginógrafo* e as duas (Vanda e Kriska) não sabiam que o romance e os poemas tinham sido escritos por Costa/Kósta.

Outra manifestação do duplo no romance é percebida na passagem em que Álvaro treina os sete rapazes, na Cunha e Costa Agência Cultural, para escreverem em estilo igual ao de José Costa. Os aprendizes se vestem igual a Costa, tentam copiar o modo de escrever e se aproximam ao máximo de seu estilo. Portanto, eles seriam o duplo de José Costa, pois assumem a identidade do "outro" quando estavam trabalhando. Nesse sentido, nesse momento da narrativa, observamos a manifestação do duplo na forma de sósias (os rapazes aprendizes tentam imitar Costa), conforme aponta este fragmento da narrativa:

> Álvaro lograva impor meu estilo, quase me levando a crer que meu próprio estilo, lá no começo, seria também manipulação dele. Quando me vi cercado de sete redatores, todos de camisas listradas como as minhas com óculos de leitura iguais aos meus, todos com meu penteado, meus cigarros e minha tosse. (HOLANDA, 2003, p. 24-25).

Além do duplo em relação ao personagem José Costa, também verificamos que a própria cidade de Budapeste é caracterizada pelo duplo no aspecto geográfico, como mostra o seguinte trecho do romance: "[...] abri o folheto, que era um mapa ilustrado da cidade, as ruas brancas sobre fundo bege, os jardins em matizes de verde e o Danúbio azul. À margem leste, Pest, a oeste, Buda, onde o Hotel Plaza estava assinalado com uma seta vermelha" (HOLANDA, 2003, p. 55).

A própria capa do livro também apresenta traços do duplo: o título e o trecho da narrativa que aparece na quarta capa se colocados diante do espelho resultam nos mesmos escritos da capa. Nesse caso, observamos a representação do duplo através do espelho, e a questão da autoria e do jogo entre a ficção e o real.

Por fim, observa-se o desfecho do livro, que não se define, deixando uma lacuna, uma incerteza para o leitor. Esse desfecho acontece com uma ligação telefônica do cônsul da Hungria. Tratava-se de um convite da editora Lantos, Lorant & Budai para que Kósta retornasse a Budapeste com todas as despesas pagas e, dessa vez, com o visto permanente:

> Alô! Senhor Zsose Kósta? Természetesen!, confirmei. Deus seja louvado!, disse o homem, se apresentando como o cônsul da Hungria. [...] o cônsul me perguntou se eu porventura já ouvira falar em Lantos, Lorant & Budai. Sim, obviamente, Lantos, Lorant & Budai, os grandes livreiros húngaros, editores dos mais destacados [...] Pois o cônsul que tinha em mãos uma passagem aérea Rio-Budapeste, emitida em meu nome por Lantos, Lorant & Budai [...]. (HOLANDA, 2003, p. 164).

O convite era atribuído ao sucesso de sua autobiografia que, na verdade, fora escrita por outro autor. O sucesso alheio que proporciona a outros falsos autores, que lhe causa desconforto, retorna em espelho por meio do seu duplo

húngaro, o misterioso "Sr...", ex-marido de Kriska e pai de Pisti, que escreve o *best seller Budapeste*, sucesso instantâneo atribuído a um incrédulo Kósta, que nega a autoria, mas que é reverenciado por isso.

O autor acentua, nesse desfecho, a incerteza, a dualidade sobre a autoria de *Budapeste*, conforme indica o trecho a seguir: "[...] porque agora eu lia o livro ao mesmo tempo em que o livro acontecia. Querida Kriska, perguntei, sabes que somente por ti noites a fio concebi o livro que ora se encerra?" (HOLANDA, 2003, p. 174).

Após essa análise, verificamos que, em *Budapeste*, de Chico Buarque, o duplo revela-se através da alteridade do personagem José Costa e Zsoze Kósta; dos livros *O Ginógrafo* e *Budapeste*; Vanda e Kriska, Pisti e Joaquinzinho; Português e Húngaro; Cunha & Costa – Cohna & Casta, prosa e poesia. E o desfecho do romance reitera a questão do duplo, pois ele deixa uma lacuna, uma dubiedade para o leitor no que concerne à questão da autoria: quem é o autor de *Budapeste*? O que ratifica a proposição de Caetano Veloso sobre esse romance de Chico Buarque, conforme a qual "Budapeste é um labirinto de espelhos que afinal se resolve, não na trama, mas nas palavras, como os poemas" (VELOSO, 2013, não paginado).

Referências

FREUD, Sigmund. O estranho. In:_____. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 17. p. 275-314.

HOLLANDA, Chico Buarque de. **Budapeste**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmo**s. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SANTOS, Robson Souza dos. O mito literário do duplo no conteúdo midiático de entretenimento. **Sessões do imaginário**, Porto Alegre, ano 16, n. 25, p. 41-50, 2011.

VELOSO, Caetano. **Budapeste é aqui**. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/critica/crit_budapeste_globo2.htm>. Acesso em: 14 mai. 2013.

WISNIK, José Miguel. **Novo romance de Chico Buarque**. Disponível em: <http//www.chicobuarque.com.br/crítica/mestre.asp?pg=budapeste_crítica.htm>. Acesso em: 09 mai. 2013.

Para citar este artigo

PROBST, Elisabeth; MOL, Isabela Baião. Chico Buarque: Budapeste, um olhar sobre a questão do duplo. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 3, n. 2, p. 92-99, mai.-ago. 2014.

As autoras

Elisabeth Probst é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CESJF – linha de pesquisa Literatura Brasileira.

Isabela Baião Mol é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CESJF – linha de pesquisa Literatura Brasileira.